

Mulher 7x7

RSS Twitter Facebook

Amor e Sexo | Atualidades | Cultura | Família | Moda e Beleza | Saúde | Trabalho

O castigo-maternidade

23/07/2012 | 10:05 | RUTH DE AQUINO | ATUALIDADES, FAMÍLIA, TRABALHO | MATERNIDADE, PRECONCEITO, PRESIDENTE DO YAHOO, TRABALHO

Tweetar 42 | Curtir Confirmar +1 16



Antes que me acusem de plágio, o título acima é de um artigo publicado ontem no jornal *Folha de SP*. Quem escreveu foi **April Dembosky**, correspondente do *Financial Times* em San Francisco, Estados Unidos.

Atraída pelo título, comecei a ler o artigo, uma tradução do original em inglês. E fui até o fim.

O texto é sobre a gravidez de **Marissa Mayer** (foto ao lado), quase desconhecida nossa. Aos 37 anos, essa americana que era vice-presidente do Google acaba de assumir o comando do Yahoo!, uma das maiores companhias mundiais de tecnologia. Até aí, nada demais.

Pensando bem, é demais sim: apenas 19 das empresas da lista Fortune 500 são comandadas por mulheres, e pouco mais da metade delas tem filhos. Marissa está nessa lista e terá um bebê, um menino, em outubro, três meses depois de se tornar presidente do Yahoo!. Ou seja, assumiu um senhor desafio grávida de seis meses.

Segundo a jornalista April, a notícia deslançou uma avalanche de críticas de quem duvida de “sua capacidade de ser mãe e presidente de uma companhia ao mesmo tempo”. Marissa precisou vir a público se explicar. Disse que só tiraria algumas semanas de licença-maternidade. A declaração de Marissa também deslançou outra onda de críticas. Ela foi acusada de dar mau exemplo para as mulheres trabalhadoras ao encurtar a licença-maternidade.

Em algum momento da vida, nós todas, mães ou não-mães, nos fazemos as mesmas perguntas que estão ali nesse artigo. E nossas respostas são – ainda bem – diferentes. Mas os dilemas são parecidos e a maneira como “a sociedade” os enxerga continua exercendo uma pressão sobre nossas escolhas.

“Mayer está numa situação impossível”, escreve April. “Não importa de que modo organize sua agenda, ela sem dúvida enfrentará os padrões dúplices que tantas mulheres têm de encarar no trabalho – com acusações de que estão negligenciando seus empregos ou seus filhos”.



OK

MEUS 5 MINUTOS



SAÚDE

Natália Rodrigues: “Meu corpo precisa de carboidratos”

+ NOTÍCIAS



Mulher7x7 no Facebook

Curtir

Confirmar

Você admira Você

Em 2011, um investidor do Vale do Silício disse que “ter uma mulher grávida como fundadora ou presidente-executiva resulta em falência”. Ele analisava como investir numa empresa criada por uma mulher que esperava gêmeos. Como ela poderia “liderar uma equipe, construir um negócio e mudar o mundo carregando os babes pelos próximos meses e cuidando deles depois”?

O artigo de April cita alguns estudos que mostram como a “mãe” é vista no trabalho. A perversidade pode ser maior do que imaginamos. Mulheres muito motivadas no trabalho e ambiciosas “são provavelmente más mães” e, por isso, ganhariam menos promoções e aumentos salariais menores.

Não acredito nisso como regra. Tampouco acho que seja uma reação “de homens”. Nós, mulheres, cobramos demais de nós mesmas e de nossas amigas - ou nem tão amigas.

Lembro uma história que aconteceu comigo em 1981. Eu tinha 26 anos, já trabalhava havia oito anos como jornalista, e entrei no **Jornal do Brasil** na equipe de redatores da primeira página, o famoso copy-desk, uma função que deixou de existir com a informatização dos jornais. Três meses depois de ser contratada, engraidei de meu companheiro. Uma gravidez muito desejada.

Mas, pensei, como eu iria contar ao meu chefe - que havia me contratado e apostado em mim - que dali a oito meses eu teria um neném e ficaria de licença quatro meses, desfalcando a equipe (aliás uma equipe só de homens)? Eu poderia ser tachada de aproveitadora, negligente? Estava me sentindo culpada. Uma injustiça comigo mesma, percebi logo.

Enfim, tudo deu certo. Minha gravidez foi bem recebida e comemorada por chefe e colegas, trabalhei até quatro dias antes de dar à luz, era um expediente de 17h à meia-noite, e a equipe praticamente me forçou a ir para casa. Tinham medo que eu parisse na redação e atrapalhasse o fechamento da edição...e tinham razão. Foram todos carinhosos. E meu filho Bruno nasceu com um apelido: “Zé do copy”. O segundo filho, Pedro, nasceu com uma diferença de seis anos. Eu engraidei meses depois de ser promovida a editora internacional do JB.

Foram licenças longas. Não conseguiria jamais tirar só algumas semanas. Queria desligar para amamentar calmamente e cuidar dos bebês. Mas adorei voltar ao trabalho. A cada filho, eu voltava com energia renovada e multiplicada para o trabalho, preña de ideias.

Toda mulher é diferente, nossos pensamentos têm nuances e não somos uma categoria homogênea, felizmente. Sinto, no entanto, que quase todas nós, durante a licença-maternidade, passamos a viver em função de nossos bebês - caso tenhamos direito a esse privilégio. Eu me sentia uma vaca leiteira, com todas as dores e delícias dos mistérios da maternidade.

A partir daí, dedicar toda a vida aos filhos, à casa e ao marido seria para mim (e para todos os que me cercam) um desastre, porque eu me sentiria frustrada e inevitavelmente descontenta nos outros. Conciliar todas as funções - por mais difícil que possa parecer - ainda me parece o melhor caminho para se sentir feliz e produtiva. Também como mãe. A função de mãe e esposa 24 horas pode tornar algumas mulheres possessivas e obcecadas com todo o universo doméstico. Outras ficam realizadas. É a diversidade, não?

Não critico a presidente do Yahoo! que decidiu encurtar sua licença. Não a critico moralmente. Não a chamo de mãe desnaturada - um adjetivo muito esclarecedor, como se ela estivesse indo “contra a Natureza”. Não sei se ela e seu bebê ficarão contentes com esse arranjo. Provavelmente, não tem outra escolha, como presidente recém-contratada de uma companhia tão importante, com uma missão espinhosa - reerguer uma empresa cujo faturamento caiu 20% no ano passado. Na verdade, não são apenas algumas executivas que se comportam às vezes assim. Há atrizes que também retomam muito rapidamente as atividades profissionais.

Conciliar as funções de uma maneira sensata é, repito, um desafio e um privilégio. Li uma reportagem mostrando o imenso número de mães pobres obrigadas a deixar os filhos 12 horas por dia em abrigos para poder trabalhar como diaristas, empregadas domésticas, cozinheiras - ou babás, cuidando dos filhos das outras. Este artigo da *Folha de SP* e este post não tratam dessas mulheres, carentes dos serviços do Estado e muitas delas abandonadas por maridos. Falo aqui das mulheres que têm uma alternativa interessante diante de si e assumem uma opção.

Além de um salário razoável e da possibilidade de realização profissional, o outro conforto é ter um parceiro atuante e ativo. Como está escrito por April: “Sheryl Sandberg, vice-presidente de operações do Facebook, aconselha mulheres a procurar parceiros capazes de

admir

19,267 pessoas curtiram
Mulher7x7. 19,266 pessoas curtiram
Mulher7x7.



Mardi Val

Plug-in social do Facebook

Últimos Tweets

Deusas de verdade - a estreia de @flaviocordeiro na seção Homens de Segunda <http://t.co/GNI2i8lj> 7 minutos atrás

A falta que nos move - impressões sobre uma série de TV. Por @ClaudiaPenteado na Visita de Domingo <http://t.co/BeKPrdRW> 29/07/2012

Hoje, na seção Mulheres pelo Mundo, Elisa Martins e um post sobre família e saudade <http://t.co/swrWoHfw> @emartinsmx 28/07/2012

Por que os homens gostam de Avenida Brasil? <http://t.co/pvEcjdb2> 27/07/2012

O teu corpo pertence a alguém? Você se sente dona ou dono do corpo de outra pessoa? <http://t.co/48NqfQG1> 26/07/2012

mulher7x7 no twitter

Siga @mulher7x7

5.697 seguidores



apoiá-las, dividir as tarefas caseiras e ajudá-las a manter suas ambições”. Anne-Marie Slaughter, ex-diretora de planejamento político no Departamento de Estado dos Estados Unidos, tem outra opinião. Para Slaughter, escreve a correspondente do *Financial Times*, “as empresas é que precisam mudar sua cultura: a ideia de que presenças e jornadas longas de trabalho, e não eficiência, traduzem-se em competência no trabalho”.

O debate é intenso e não termina nunca. Mostra que, por mais que a sociedade tenha mudado, a cobrança sobre a mulher persiste. E é interiorizada por nós mesmas.

Quando eu me tornei diretora de redação de um jornal diário no Rio de Janeiro, em 1996, o dono da empresa recebeu telefonemas de alguns de seus pares, que diziam: “Está louco de colocar uma mulher dirigindo um diário?” Passaram-se tantos anos e esse ainda é um reduto masculino no Brasil – e em vários outros países.

Marissa Mayer, além de ter sido recompensada por suas qualificações, não se tornou apenas presidente do Yahoo!. Virou “porta-voz” de uma categoria particular, conclui April.

“Não basta ser uma boa mãe e uma boa executiva – Marissa tem de ser também uma boa feminista. Ao se tornar uma presidente-executiva-grávida, precisa assumir uma posição sobre presidentes-executivas-grávidas, e os críticos estão só esperando para atacar qualquer posição que assuma, mesmo que, e até especialmente se, preferir o silêncio”.

Você também tem uma história para contar, certamente. Mesmo que seja a clássica dos novos tempos entre as jovens profissionais: adiar o momento da maternidade até...

Curta o Mulher7x7 no [Facebook](#) e siga-nos no [Twitter](#)



Ruth de Aquino é colunista de **ÉPOCA**.

[Leia todos os posts](#)

Faça seu comentário

Nome *

Email *

Site

Comentário



stop spam.
read books.

Mostrar todos os 20 comentários

Elisangela 25/07/2012 | 6:51

Sou como a Karina, também nunca aspirei a cargos de diretoria. Vi o caso do meu pai e isso serviu de exemplo para mim sobre o que eu NÃO queria ser.

Meu pai tinha um cargo de diretor e vivia estressado. Ia dormir pensando em trabalho, acordava pensando em trabalho. Final de semana era limitado para ele, pois sempre tinha assunto do trabalho para resolver. Eu me lembro de inúmeras vezes ele tentar tirar uma soneca no sábado ou domingo e ser interrompido por um telefonema urgente de alguém procurando-o. Eu sou da opinião que meu pai não aproveitou a vida e pelo jeito,